

SOCIEDADE //

GARANTE BASTONÁRIO P.12

Noruegueses querem levar 4 mil engenheiros



ENTREVISTA // CARLOS MATIAS RAMOS // Bastonário dos Engenheiros explica fraca procura das engenharias pelo facto de estas não serem "cool" e exigirem formação em Física e Matemática e porque os acordos celebrados com as entidades brasileiras não têm facilitado a equivalência dos cursos **Por** Dina Margato

“A Noruega pediu 4000 engenheiros de uma só vez”

Mostra a foto de uma das obras emblemáticas da Expo98 e pergunta: Sabe o que é? “A pala do Siza (Vieira)”. “Ninguém sabe que foi graças ao engenheiro Segadaes Tavares que foi possível erguê-la”, diz o bastonário dos Engenheiros. Serviu para exemplificar o quanto a engenharia tem perdido popularidade, traduzida na redução de candidatos ao Superior. Ninguém se inscreveu em Engenharia Civil, em Aveiro, na primeira fase. Aranca hoje, no Porto, o XX Congresso da Ordem dos Engenheiros.

Como se explica a fraca procura das engenharias?

As áreas tradicionais foram as que sofreram: Engenharia Civil, Ambiente. Resulta de vários fatores, desde logo da Matemática e da Física.

A crise no país e o facto de haver muito menos construção também conta...

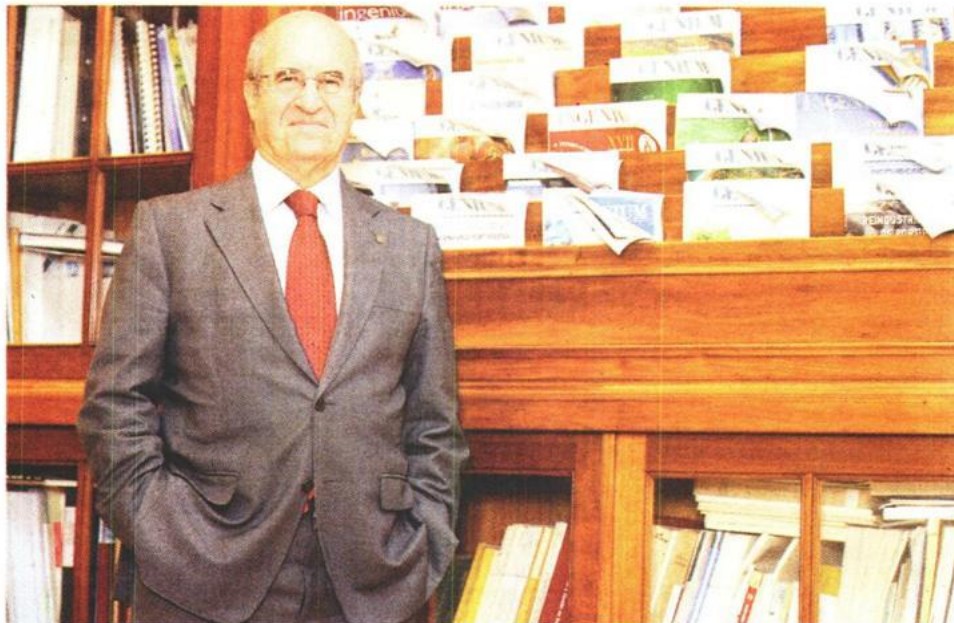
É verdade. Houve uma redução do que foram os investimentos públicos e privados no edificado e isso conduziu a uma sensação de desconforto, a ponto de as famílias dizerem que não vale a pena ir para Engenharia, porque esta não tem saída.

Não tem futuro...

Ora, é um mito que vou tentar desmascarar. Compare-se com a Arquitetura. Uma universidade ofereceu 74 vagas e preencheu-as na íntegra. De Civil, encheu uma. A exigência da Matemática e da Física afasta os alunos. A Arquitetura não as exige. Os cursos de Arquitetura estão a abarrotar, os de Cinema, cheios. Procurei perceber o que está por trás de tudo isto.

E o que é?

Antes de 2012, a Engenharia não obrigava às disciplinas de Matemática e Física. A partir daí houve um decréscimo. Para ultrapassar isto muitas escolas começaram a chamar-se “Ciências de”. Mas não tiveram sucesso.



Carlos Matias Ramos conta que a bolsa de emprego do site da Ordem tem sete mil visitas por dia

Se um jovem lhe dissesse que estava indeciso entre seguir ou não Engenharia, o que lhe diria?

Que veja as coisas não numa perspetiva imediatista mas numa perspetiva a longo prazo. Um engenheiro depois de fazer o 12.º ano tem mais cinco anos pela frente. Um indivíduo que faz a opção no 9.º ano ainda tem oito.

O emprego em Engenharia vai voltar em força?

Não tenho dúvidas.

Nos últimos meses, voltaram a aparecer gruas nos céus de Lisboa...

Reconheço isso. No imobiliário melhorou o indicador de confiança. A apatia não pode continuar.

O que se prevê?

Há um anúncio pelo Governo do Plano Estratégico de Infraestruturas de Transportes, que prevê, até 2020, um investimento na ordem dos seis mil milhões de euros. Ora, para ser executado, pre-

cisa de engenheiros e sobretudo dos civis.

Quantos engenheiros saem por ano?

Houve um pico em 2009, 17 mil. Hoje, serão cerca de 10 mil.

Precisamos deles? A emigração é inevitável?

Não sabemos. Na Medicina há indicadores sobre médicos precisos por mil habitantes. Devido às especialidades, na Engenharia é difícil saber. A Mecânica tem muito emprego. Pela positiva, produzimos bons engenheiros. O Técnico, de Lisboa, está entre os 75 e os 100 melhores no top de Shanghai. Isto num país em que as escolas estão sempre com a garganta atarralhada. Temos universidades entre as melhores do Mundo. Como é que o país desconhece isto?

Porque sabemos pouco sobre as engenharias?

Não é “cool”, não tem “sex appeal”. Falamos do bom vinho mas não falamos da boa

Engenharia. A Noruega pediu-nos 4000 engenheiros de uma só vez. Pode ser que não os tenham conseguido e tenham ido a Espanha.

Foi quando?

Há um ano. Com o apoio da

embaixada fizemos formação de como viver na Noruega: para as pessoas saberem da cultura, dos custos de vida.

Não é possível saber quantos emigram?

Não conseguimos. Temos declarações apenas para alguns países. Sei que do Técnico estão a trabalhar no exterior 20%, formados há cinco anos. Pelo LinkedIn, soube que 1572 alunos formados no Porto estão lá fora. Posso dizer-lhe que a nossa bolsa de emprego do site é visitada por 7000 pessoas por dia.

Quais são os países que mais atraem engenheiros?

A Alemanha tem muita procura. Para a Europa há emigração e infelizmente não há internacionalização. Sou desfavorável à emigração, ela é a perda do valor da nossa Engenharia, porque o valor acrescentado fica no exterior. E muitas vezes esses jovens já criam raízes. Estou convencido que muitos vão ficar, por-

que gostam do emprego. Em internacionalização, posso dizer-lhe que as nossas empresas de construção são as segundas europeias em faturação em África, a seguir à França. Dos quais Angola é o país principal.

Por que é que o problema de equivalências no Brasil ainda não foi resolvido?

Não há evolução. Foi das coisas que mais me entristeceu, porque os meus pais emigraram para o Brasil, eu conheço muito bem o Brasil. E foi com carinho que assinei um acordo de cooperação em 2010, com o então presidente do Confea (congénere). Nós aceitamos cá inscritos 354 engenheiros brasileiros.

Não foi cumprido?

Mudou o presidente em fevereiro de 2011 e a âncora que sustentava a possibilidade de inscrição provisória - primeiro trabalhava-se e depois fazia-se a equivalência - complicou-se. E eu que pensava que as escolas portuguesas eram reconhecidas no Brasil. As pessoas não sabem mas Copacabana, o seu alargamento em 90 metros, foi projeto da engenharia portuguesa; muitas barragens foram feitas graças ao conhecimento de portugueses. Confiei nisso. Depois vi que houve uma mudança de estratégia e perante aquilo o CRUP fez acordo com a ANDIFES (congénere), a fim de facilitar o reconhecimento curso a curso. Primeiro foi um acordo de princípio, e depois materializado em acordos bilaterais. Cada faculdade tinha uma parceira brasileira, o que facilitaria o reconhecimento. O que aconteceu na realidade é que se transformou num buraco sem eficácia. Não está a acontecer. Diziam que faltava “Estradas 2”, disse-me um amigo. Demoram uma eternidade para definir as exigências. A um engenheiro que estava formado há 18 anos, pelo IST (Instituto Superior Técnico) pediram-lhe para fazer exame a 13 disciplinas. ●

66

“Não sou favorável à emigração, ela é a perda do valor da nossa Engenharia, porque o valor acrescentado fica no exterior. E muitos desses jovens vão lá ficar”